

A CRITICA

SCIENCIA, LITTERATURA E CRITICA

REDACTOR — LOMELINO DE FREITAS

1.ª SERIE — NUMERO 1

JANEIRO — 1888

SUMMARIO

A CRITICA — *Lomelino de Freitas.*
 O MEIO — *Armelim Junior.*
 NA PASTA DO ABEL ANNIBAL — *Camillo Pessanha.*
 UM POETA PORTUGUEZ — *Julio de Faria.*
 VARIEDADES.

A Critica

O pensamento é poder,
 Todo o poder é dever.

VICTOR HUGO.

Corremos para uma vida melhor de trabalho honesto e lícito, enfadados da monotonia d'este meio coimbrão, e do acanhado d'este horizonte intellectual insofrível ao menos exigente.

A vista de quadros sombrios de miserias, expostos abundantemente nesta grande feira de sciencia, repugna tanto e tanto às consciencias calmas, que não provocará de certo o assombro, mais um brado de indignação, junto ao clamor de gerações que já lá dobram o portal do tumulto, ou transpõem o liminar da vida publica.

Longe, contudo, de trilhar a senda rotineira da maledicencia, sempre perfida e tediosa, empunharemos como arma de combate, a férula da critica sã e admissivel. Traçando esta linha de comportamento, depomos, altanadamente, a mascara do anonymo, porque julgamos exercer um direito. A liberdade de manifestação de pensamento, anhelada outr'ora pelos luminares da sciencia, mal despontando d'entre as brumas da ignorancia primeva, é hoje uma verdade tangivel que exultamos de fruir.

Assim iremos ao fim proposto sem desfallecimentos de medo. E bem longe de nos prostrarem o animo as indignações mal contidas dos mansos e humildes, dos burguezes flexiveis de espinha, e d'essas pégas assustadiças que medem hypocritamente os passos á cata de reverencias, retemperam-nos pelo contrario as forças para investigações mais fundas e verdades mais causticantes, taes visagens da tibieza provocadas pelo acido da critica.

Para romper a blindagem d'esse indifferen-tismo que por ahí pullula, é mister descer da humildade ao servilismo e da energia á pusillidade. E nós que não afagamos vaidades, e não sabemos atear egoismos e que não queremos adorar fetiches, ficaremos no escuro da

insignificancia ou daremos prezilha ao colchete da maledicencia. Mas ávante. É uma obrigação não occultar a verdade com euphemismos e periphrases, e expol-a hemos em toda a sua desnudez, placida e serenamente — porque é placidez e serenidade que advem á consciencia, com a observancia precisa do dever.

Pre vemos difficuldades em seguir tal derrota, mas não nos importamos que o caminho se encrespe de abrolhos, quando o horizonte attrahe de proveitos. Não trepidamos em face d'uma hydra-opposição ou d'uma censura soez que não valha o *almasso* da replica. E, para remoques malignos arrancados pela calumnia e pela inveja ao enxurdeiro da ignorancia e da estupidez, temos sorrisos de sarcasmo e lepidas zombarias.

Corremos risco de desagradar aos enthu-siastas da rhetorica, por não sabermos bordar phrases nem rendilhar períodos. Lembramos, porém, aos amigos de *estilo bombastico*, que a unica e Boa expressão da verdade, é a lingua-gem laconica, a recta que leva ao ponto dese-jado — indo assim de encontro á opinião de Proudhon, que via na eloquencia, na fórma, uma parte integrante da verdade.

Reiteramos estes propositos para que calem no animo dos mais embebidos nos prejuizos e crendices d'um meio embotado.

Usamos da critica, como d'um exercicio util e moral, como d'um trabalho lícito e elevado. Criticando, trabalhamos para nós e para os outros. Para nós, porque corrigimos os erros d'uma orientação bastarda; para os outros, porque os despimos de vaidades enganosas que aviltam, ou lhes aconselhamos o esforço e a perseverança, como unicas alavanca capazes de levantar a intelligencia.

Todavia não para aqui a utilidade da critica. Divisa-se nella muito mais — a faculdade dominante do seculo e o mais proficuo deporatorio da sociedade hodierna. Crisol de verdades, é o acúleo dos grandes e o desespero dos imbecis; sobranceira ao marulho dos interesses baratos, desdenha acatamentos — como diz Renan — porque julga os homens e os deuses; impavida e austera, como a queremos, compre-hende e ama a colera que inspira; obreira infatigavel e devotada do progresso, como a julgamos, deve derribar as velharias do passado, para construir de verdades o edificio do presente; consequencia restricta de observações e de estudos — como a entendeu La Bruyère — é a liberdade dos espiritos bem orientados — como a proclamava Edmundo Scherer; é uma arma deli-



como demonstrou Wyrouboff — cujo exige extrema precaução, que presta relevantes serviços, empregando-a como meio auxiliar, mas que arrasta forçadamente ao absurdo desde que a fizerem fundamento d'uma philosophia; é, finalmente, segundo a nossa observação, a receita mais efficaz para os inflados de gloriolas faceis que superabundam na constellação das notabilidades patrias.

Com a mentalisação d'este factor potente da moralidade social, deixamos tambem delineada a base das nossas operações e fechamos o bosquejo do nosso programma.

LOMELINO DE FREITAS.

O Meio

L'homme vaut ce que vaut le milieu où il naît, où il grandit, où il vit, où il meurt.

EMILIO DE GIRARDIN.

Formulada primeiramente por Kant, desenvolvida por Hegel, adoptada pelas modernas escolas experimentalistas, essa grande sciencia, que Blainville denominou *theoria dos meios*, Augusto Comte, *sciencia dos meios*, e Bertillon, *mesologia*, constitue hoje um dos mais formosos ramos dos conhecimentos humanos, e um dos mais dignos e dos mais ponderosos objectos do estudo e da critica dos homens de sciencia. E com sobradissima razão.

O estudo do meio é o estudo do ser que nelle nasce, cresce, se desenvolve e brilha; decae, fenece e morre. Será este o que for aquelle.

Por seu turno, o individuo reflecte o meio. Ver-se-ha nelle o que este é e o que vale.

É que a mesologia é a grande sciencia das relações intimas, necessarias, constantes, que ligam os seres aos respectivos meios em que existem, em que estão immersos, em que se desenvolvem.

O numero e extensão d'essas relações augmenta á proporção que se sobe na escala dos seres, desde os inertes ou brutos até ao homem, o ser racional e livre. Assim é que os seres inertes estão em relações physicas e chemicas, com os seus respectivos meios; os seres vivos estão, além d'essas, em relações biologicas; e, finalmente, se o ser vivo é o homem, nova ordem de relações se estabelece: — relações psychicas entre elle e o meio social.

Se são importantes, decisivas, as influencias *cosmicas*, (estellares; solares — caloricidade e luz; meteorologicas — hygrometria, electricidade, ozonometria, etc.; geologicas; orographicas; fauna e flora), e as influencias *biologicas*; não são de somenos importancia nem de menores consequencias para o individuo e para a raça, as influencias *mesologicas sociaes*, que revestem multiplices e variadas formas: influencias de instrução e de educação; influencias dos bons ou maus costumes, dos bons ou maus exemplos, etc.

est

Estudar o chamado *meio coimbrão*, isto é, *meio academico*, nas suas multiplas manifestações, nas suas complexissimas influencias intellectuaes, moraes e physicas, — tal será o objecto dos modestos e desprezenciosos artigos, cuja serie hoje inicio. Não se julgue ocioso nem impertinente o assumpto.

Só o será para os caracteres derrancados, para as intelligencias baças, para a critica de tavão, para a pedantocracia, emfim, que pullula como tortulho no meio academico, e que será anatomisada.

Não o será para os honrados e sollicitos chefes de familia, para as boas e carinhosas mães, para todos, em summa, a quem está commettida a grave e elevada missão de educadores.

est

Releva, porém, antes de tudo, dizer que, entre os problemas palpitantes com que a *theoria dos meios* collide, avulta para mim o instante problema formulado na seguinte tremenda interrogação: «*Livre arbitrio ou fatalismo?*»

A minha resposta, expressão exacta das minhas convicções scientificas, já foi dada, anticipadamente, em um dos artigos da serie que, sob a epigraphe — *Noções de Economia Politica* — vinha publicando, e tive de interromper, num jornal de Lisboa.

Nem todos os experimentalistas, — escrevi eu em um dos numeros d'esse jornal, — propugnam o fatalismo; sob qualquer das suas formas, seja o fatalismo *stricto sensu*, seja o determinismo; desde o determinismo cosmologico de Kant até ao positivista de Hume.

O livre arbitrio é, incontrastavelmente, um dos factores importantes na geração dos phenomenos economicos, como o é na evolução historica das sociedades.

Negar-o, é negar a experiencia de todos os dias, e rasgar as paginas as mais brilhantes da historia.

Desgraçadas as nações e desventurados os homens que, não obstante mesmo as multiplas e variadissimas fatalidades da existencia, não teem a intima consciencia d'essa força potentissima que se chama a *Vontade humana*, a *Liberdade humana*. Nações e «Homens d'estes, — servindo-me da elocução brilhante de Ramalho Ortigão, na sua primorosa *Hollanda* — são incapazes de fincapé para qualquer resistencia, e o seu destino moral é obedecerem passivamente á corrente das cousas, como as podridões das ruas obedecem á passagem do enxurro que as leva ao sumidouro.»

O verdadeiro experimentalista, — aquelle que observa, apprehende, dissecar e analisa os factos, sem preoccupações de escola nem de systemas preconcebidos, — attesta que ao lado, parallelamente, d'esses factores volitivos, mais ou menos livres, e cujo character é a mobilidade, existem outros, constantes, permanentes, fataes. Attesta que no homem, — o grande agente de produção economica e industrial, — ha uma potencia enorme, a *vontade livre*, que unida

razão constitue a nobilissima personalidade humana; força de vontade com que lucha, e bastas vezes vence, em certos limites, não só as influencias mesologicas, — cosmicas, biologicas e sociais, — senão tambem a si mesmo, a sua propria natureza, as suas paixões e vicios.

É então que o homem é verdadeiramente homem, o mais excellente de todos os seres da criação, o mais digno dos seus altos destinos.

Com-se vê, nós os sectarios do methodo experimental, em economia politica, nem nos submettemos ao despotico jugo do fatalismo, nem descambamos para o extremo opposto, que é o grande erro das escolas metaphysicas, de evangelisar uma liberdade absoluta, que é de perigosa utopia, pela qual se cria, arbitrariamente, um homem imaginario, sem realidade objectiva, completamente subtrahido a todas as influencias mesologicas.

Mais uma vez em minhas locubrações virifico o judicioso conceito de Geruzez: «Il y a toujours entre les extrêmes un milieu que l'on néglige souvent aux dépens de la vérité.»

ARMELIM JUNIOR.

Na Pasta do Abel Annibal

I

Teño sonhos cruéis: n'alma doente sinto um vago receio prematuro.
Vou a medo na aresta do futuro,
embebido em saudades do presente...
Saudades d'esta dôr que em vão procuro
do peito afugentar bem rudemente,
devendo ao desmaiar sobre o poente,
cobrir-m'o coração d'um véu escuro!...
Porque a dôr, esta falta d'harmonia,
toda a luz de-arranhada que allumia
as almas doidamente, o ceo d'agora,
sem ella o coração é quasi nada:
—um sol onde expirasse a madrugada,
porque é só madrugada quando chora.

II

Encontrei-me um dia no caminho
em procura de quê, nem eu o sei.
— Bom dia companheiro, te saudei,
que a jornada é maior indo sósinho.
E' longe, é muito longe, ha muito espinho!
Paraste a repousar, eu descancei...
Na venda em que poisaste, onde poisei,
bebemos cada um do mesmo vinho.
É no monte escabroso, solitario,
corta os pés como a rocha d'um calvario,
e queima como a areia!... Foi no entanto
que chorámos a dôr de cada um...
É o vinho em que choraste era commum:
tivemos que beber do mesmo pranto.

III

Fez-nos bem, muito bem, esta demora:
enrijou a coragem fatigada...
Eis os nossos bordões da caminhada,
vae já rompendo o sol: vamos embora.
Este vinho, mais virgem do que a aurora,
tão virgem não o temos na jornada...
Encerrem as cabaças: pela estrada,
d'aqui inda este néciar avizora!...
Cada um por seu lado!... Eu vou sósinho,
eu quero arrostar só todo o caminho,
eu posso resistir á grande calma!...
Deixae-me chorar mais e beber mais,
perseguir doidamente os meus ideaes,
e ter fé e encher a alma.

Junho de 87.

CAMILLO PESSANHA.

Um Poeta Portuguez

La critique est la taxe que le public préleve sur les hommes éminents.

SWIFT.

No supplemento litterario do *Correio da Manhã* de 12 do mez passado, deparamos com uma noticia que nos satisfiz bastante.

Dizia-se allí que o professor allemão Wilhelm Storck, traductor dos *Luíadas* e das *Rimas de Camões*, publicara em Munster a versão dos *Sonetos Completos* de Anthero de Quental.

O auctor não carece de felicitações, visto não precisar de incitamentos. Limitamo-nos a reconhecer, naquelle facto, um acto de apreço merecido e de justiça devida. Essas congratulações que ahi saem todos os dias nos jornaes são, quasi sempre, mercadejadas ou dirigidas a vulgaridades, que tanto se pavoneiam nesta epocha de pouco labor e de muita aspiração. O homem de verdadeiro merecimento fia-se nas suas proprias forças, e desdenha os louvores enervantes.

Demais, suppondo beneficos os estimulos, achamol-os proprios de principiantes e não de Anthero de Quental, um talento manifesto e um artista consummado.

O trabalho venceu sempre o indifferentismo e a intelligencia fulgiu em todos os tempos e através de todos os obstaculos. E quando ha uma geração ingrata que não presta homenagem a um contemporaneo illustre, lá vem a historia que lhe regista o nome e a recommenda á posteridade como mais imparcial e mais equitativa.

O que nos impressionou foi a auto-biographia enviada ao traductor. É um testemunho valioso da alta consciencia do poeta.

Estes documentos teem seus prós e desvantagens. Elucidam por vezes a critica, sobre o pensamento dos auctores e acerca de vicissitudes da sua vida.

São mui usadas por inglezes e americanos: a historia das litteraturas d'estes dois povos deve bastante a tal especie de prova.

Comtudo, nunca podem representar uma observação completa nem indicar uma verdade exacta.

Assim, no que respeita a phenomenos psychologicos, devem ser defeituosas, pois não pôde admitir-se que qualquer, por maior que tenha a consciencia, se possa examinar perfeitamente. E quando assim acontecesse, seria raro achar individuos capazes de seguir a successão dos phenomenos no seu espirito, e as suas mutuas relações. E taes raridades deveriam munir-se, ainda assim, d'uma cultura particular, estudando as theorias e termos da sciencia psychologica — e para que? — para obter resultados *duvidosos*, como vemos nalguns psychologistas que avançam *convictamente* proposições diversas sobre um mesmo assumpto.

A propria auto-biographia de Anthero de Quental é um exemplo do que deixamos dicto.

O poeta espadana, é verdade, a luz da sua facil percepção sobre uma epocha inteira; descreve com phlegma o movimento e energias d'esse periodo que tão honrosamente atravessou; synthethisa com habilidade a renascença da litteratura patria; mas, querendo explicar a evolução das suas ideias, intentando philosophar ou interpretar a Natureza, a sua argumentação é penumbrosa, a sua lucidez vacilla — tem duvidas em face da realidade, a imaginação leva-o ás conjecturas fascinantes da metaphysica.

E todos os auto-biographos são mais ou menos como Anthero de Qental.

Os phenomenos psychicos teem uma explicação mais exacta, quando observados n'outrem, por individuos competentes.

De modo que a critica, na sua laboriosa missão de depuradora da historia, não pôde enriquecer á custa de taes revelações, nem á sombra de verdades apparentes.

E esta a nossa opinião ácerca da utilidade das auto-biographias.

Que nos desculpe o poeta este juizo despretencioso, não ennoador da sua fama e da sua superioridade.

JULIO DE FARIA.

Variedades

O fóro academico — A Academia de Coimbra, reconhecendo o relevante serviço prestado á sua causa pelo dr. Eduardo de Abreu, deliberou em assembleia geral agradecer tal liberalidade, nomeando para isso uma comissão, que saudou tambem o sympathico deputado pelo exito alcançado no seio da REPRESENTAÇÃO NACIONAL, onde manifestou mais uma vez a sua illustração e talento.

Fazemos votos porque OS REPRESENTANTES DA NAÇÃO vejam, no procedimento d'este seu collega, uma lição de imparcialidade e independencia — principios estes cada vez mais peregrinos na politica corrente.

O dr. Eduardo de Abreu, renovando a iniciativa do projecto de lei para a abolição do fóro academico, pretende acabar com um corpo de legislação demasiadamente centralisadora e anti-liberal.

Ora, se o corpo docente universitario prezar a sua dignidade e descanso, como é de presumir, e se quizer abdicar da tremenda e odiosa responsabilidade que lhe teem imputado, deve facilitar por todos os meios ao seu alcance a revogação da lei vigente, e adherir a este movimento iniciado, deversas attrahente, e todo beneficios para o estabelecimento.

Não se deduza *á priori* que, os qualificativos *centralisadora* e *anti-liberal*, nos cahissem dos bicos da penna como simples productos da ignorancia e do radicalismo vulgar de estudante. Empregámol-os por adequados á legislação universitaria, cuja pratica, tanta arbitrariedade e tanto auctoritarismo tem trazido a lume.

Nunca nos arreceámos de dizer verdades, e muito menos quando relativas a assumptos de ordem geral, onde se não apontam individuos nem se ferem susceptibilidades.

Conhecemos o bastante do regimen e disciplina do estabelecimento, para emitir desassombradamente uma opinião. E, quando fossemos leigos na materia, bastariam os factos para justificar aquella qualificação.

Não se diga, com a sobrançeria affectada das altas regiões officiaes, que a abolição do fóro academico é uma questão de interesse secundario, que só importa a um bando de rapazes ou magote de creanças.

Não é assim. Este assumpto é de summa importancia para a sociedade portugueza, porque influe na sua moral maculada e na sua instrucção apparente e defei-

tuosa. E demais que o diga o proprio corpo docente universitario, quando em 1867 avançava, que — «o ensino superior na Universidade prepara a mocidade estudiosa para o desempenho das funcções sociaes mais elevadas e dos mais importantes cargos publicos...»¹ e quando aventava, no mesmo documento, o seguinte parecer a pró da suppressão do actual regulamento de policia academica: — «Como não ha foros privilegiados, devem separar-se escrupulosamente as faltas que os estudantes commetterem como academicos, e as que praticarem como particulares.»²

Se já naquella epocha havia necessidade de tal reforma, que fará hoje!

¹ Relatorio do corpo docente da Universidade de 2 de fevereiro de 1867 em resposta ás questões indicadas na Portaria de 6 de julho de 1866.

² Citado Relatorio elaborado pelo sr. dr. Manoel Emygdio Garcia.

outra

Um livro novo — Acaba de apparecer, no mercado, uma obra devida ao trabalho honesto de Bernardo Lucas.

É um estudo medico legal dos delinquentes, a proposito do crime de Marinho da Cruz: intitula-se — *A loucura perante a lei penal*.

Felicitemos o estudioso academico, não para seguir a rotina do elogio, mas por notarmos que teve a energia bastante, para resistir ao desmazelo pernicioso e absorbente do meio.

Ocupar-nos-hemos com mais vagar d'este livro, cuja materia é interessante e cheia de actualidade.

outra

Officio da Academia de Coimbra ao presidente da Camara dos Deputados — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — A Academia de Coimbra, considerando o alto e valioso cargo exercido por v. ex.^a no seio da Representação Nacional, qual é o de dirigir e ordenar os trabalhos confiados ao poder legislativo, solicita, respeitosa mas instantemente, o vosso interesse e attenção especiaes para o projecto de lei tendente a revogar o fóro academico, que como era de esperar, tão bem recebido foi nessa casa do parlamento.

Este pedido seria porventura demasiado em presença da dedicação e zelo que cumpre aos dignos deputados, se não fóra preciso attender tambem á grande e louvavel actividade desenvolvida nessa casa, onde os trabalhos se amontoam por numerosos, e onde os interesses se crusam pela diversidade.

Por estes e pelos mais considerandos que se podiam adduzir a pró do assumpto, a corporação academica pede a v. ex.^a a prioridade da apresentação e discussão d'aquelle projecto de lei de inconcussa importancia para a mocidade estudiosa, e cuja approvação influirá por sem duvida na moral e no progresso da instrucção publica.

Espançada, portanto, na benevolencia que merece de v. ex.^a, declara-se desde já com todo o respeito veneratora e obrigadissima.

outra

Expediente

Os numeros d'este semanario poderão constar de quatro a oito paginas.

Os assignantes só pagarão, no fim de cada mez, a importancia relativa aos numeros publicados.

Preço da assignatura

Cada mez..... 150 réis
Numero avulso..... 40 *

Pede-se a todos os collegas, a quem mandamos *A Critica* o obsequio da troca.

Todas as pessoas a quem enviamos o jornal são consideradas assignantes, desde que o não tenham devolvido até á publicação do segundo numero.

Recebem-se assignaturas no estabelecimento P & Costa á rua Larga, e na typographia Operaria, rua do Corpo de Deus.

Redacção e administração, sitio da Cumeada de Coimbra.

A CRITICA



SCIENCIA, LITTERATURA E CRITICA

REDACTOR — LOMELINO DE FREITAS

1.ª SERIE ————— NUMERO 2

MARÇO — 1888

SUMMARIO

À MEMORIA DO DR. ANTONIO DOS SANTOS PEREIRA
JARDIM — *Lomelino de Freitas.*
CHRONICA DA ALTA — *Camillo Pessanha.*
CONTRASTE — *Finto da Rocha.*
HISTORIA PATRIA — *Lomelino de Freitas.*
DIA AZIAGO — *Camillo Pessanha.*
MONGE DE PEDRA — *Bernardo Lucas.*
ESTADO DA SCIENCIA ECONOMICA — *Julio de Fario.*
VARIEDADES.

A' Memoria do dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim

O primeiro momento da vida
é o primeiro passo para a morte.

J. B. ROSSEAU.

Dobrou o portal do tumulo o respeitavel e sympathico *velhinho*, o amigo sincero da mocidade estudiosa.

Ao noticiar a sua morte, sentimo-nos assaltados d'uma penetrante melancholia, e quasi se nos figura verdadeiro aquelle conceito popular — *os bons vão e os maus ficam.*

Foi dolorifica a sua perda para todos que lhe conheceram o character, aferido sempre pela mais proveitosa moral, pela bondade mais genuina e attrahente.

Com a morte do dr. Jardim perdeu a sociedade portugueza um democrata convicto, um trabalhador perseverante, e um funcionario recto e zeloso — qualidades discordantes da actual ductilidade e incuria, que tudo mascava e estaciona.

Reconhecendo estes predicados, não intentamos enaltecer-lhe a memoria, com phrases banaes e gastas de necrologio, mas sim prestar-lhe espontaneamente a ultima homenagem, como se cumprissemos um dever sagrado e impreterivel. E, quando quizessemos guardar simples apparencias e prodigalisar palavras vãs de verdade, bastaria a reverberação do seu intenso civismo, para aclarar a nossa hypocrisia, para desnudar a nossa falsidade.

Alcançou, á custa de perigos, o arraial do liberalismo, apprendendo, ahi, a cimentar na consciencia os principios politicos que o dirigiram, neste atlantico da vida social; redobrando de energia, conseguiu penetrar no templo da instrucção, onde auferiu o proveito superior da sciencia; e tentando um ultimo esforço, ascendeu ao planalto do dever e da honra — que nem

todos attingem — e que só abandonou ao envolver-se na treva fatal do sepulchro, ao prestar o ultimo tributo á natureza.

Agora, que só resta a sua duradoira memoria entre a classe academica, para quem foi amigo desinteressado e professor benevolo mas justo, cumpre-nos dizer verdades, ainda quando arremessadas contra o reducto arruinado do auctoritarismo.

É ponto assente que, onde termina a vida, o movimento, a lucta, começa a historia, labora a critica. Todavia, nem esta, nem mesmo aquella, podem utilizar á moral, sem a *comparação* entre os que passam ao seu dominio, e nós que esperamos o dia de pertencer á messe do tempo.

Se usassemos d'este principio moralizador teriamos que tomar para termos da *comparação*, d'um lado, o puritanismo d'aquelle venerando ancião, que já desceu ao campo da egualdade, e do outro, o abuso descabellado, a vontade absoluta de muitos, que deviam ser extremamente meticulosos no desempenho de suas funcções.

Para esses, é que não deve esquecer a urbanidade e benevolencia do dr. Antonio Jardim; para esses, é que fica o exemplo da sua probidade e justiça; e para nós a recordação inolvidavel da sua benemerencia.

Nos cemiterios, nessas estancias da saudade e do desengano, consumir-se-hão os corpos, transformar-se-ha a materia, mas nunca se apagará a memoria gratissima d'aquelles que praticaram o bem e que foram escravos do dever.

LOMELINO DE FREITAS.

Chronica da Alta

Mocidade de um estudante que trabalha,
que se faz artista

pelas horas da paz, antes do sol,
quando os noivos se abraçam sobre os leitos,

(Preludio)

e tambem quando muitos dos habitantes da alta leem pronographias de Chatenay, bem aconchegados no quente dos cobertores. Em litteratura, é por emquanto a bebida de campanha, a predilecta dos bachareis, que precisam ao mesmo tempo de conciliar o somno e facilitar as digestões da sebenta.

Eu julgo que, a publicação de um volume genuinamente coimbrão e revelando talento, deve interessar á pequenissima colonia de artistas que por aqui apodrece, de mistura com a trapagem das batinas e o lixo das prelecções. É, por isso que, hoje, faço a sua apresentação ao leitor, preterindo os mais recentes assumptos. Que este, apesar de velho, é quasi virgem; não me consta que por enquanto a critica o tenha iambido ou abbocanhado.

Para mostrar os defeitos predominantes nos *Versos da Mocidade*, vou fazel-o especialmente em duas poesias das mais desastradas que o sr. Fogaça teve a infelicidade de produzir. Ignoro se é praxe fazer assim: uso d'este expediente por commodidade e attendendo ás dimensões do jornal.

Começando:

A meio do livro, na segunda parte, encontra-se um exorcismo ou coisa que se parece, intitulado — *Á Duvida*.

Sombra ou phantasma que passas,
que vens das luctas eternas,
é mais medonho o teu dorso
que a escuridão das cavernas,
onde só vive o Remorso.

Esta composição surprehende o leitor, em seguida a outras quasi sempre mansas, demasiadamente esbatidas, como a descompostura pregada na servente, pela dona da casa, pôde surprehender as pessoas de fóra, á meio do chá em familia. Pois que diabo terá o leitor com a *Duvida*, para supportar o disparate d'aquellas apostrophes? Talvez, mesmo, nem a conheça, não obstante o poeta dar-lhe nome proprio, com inicial maiuscula, e recriminal-a, julgo que, por motivos particulares, na meia duzia de quintilhas allí deslocadas.

No fim, para completar a scena da ama e da creada, despede esta ultima, quero dizer — a *Duvida*, pela fórma seguinte:

Em vez de abalares a alma
com esses olhos absortos,
despreza as luctas eternas,
segue o caminho dos mortos,
vae habitar as cavernas.

Ninguém percebeu: apenas, vagamente, que no caminho dos mortos, tambem ha cavernas, talvez as taes a que se refere o auctor, nos primeiros acima citados — as do Remorso, cuja escuridão é menos medonha, do que o dorso da victima d'essa *benzilhice* mysteriosa e atra.

D. *Duvida*, naturalmente, depois de ouvir, ouvir, continuou a deixar-se estar e a fitar o poeta com os *olhos absortos*, como a dizer lhe que pouco mais percebera do que percebe o leitor. Tanto que, na ultima quintilha, ao sr. Fogaça já só irritava a insistencia d'aquelle olhar. Foi um desastre. Tenha paciencia.

2.º especimen: — *O Frade*.

Esse santo que passa, — salvo seja, —
que em tempos fóra um D. Juan tonante,

e tinha uma abbadessa por amante,
e tratava de resto a sua igreja;

*espirituoso, janota, perdulario, asseiado, bato-
teiro, sadio, cynico, bohemio, etc.*, que mistiforio!

padre sem missa e sem dobrar o joelho;
esse grande maroto, estando velho,
vem agora fallar-mê de consciencia.

E faz mais, o patife. Se não, reparem:

ás veneras, que vende em seu proveito,
sem remorso, sem honra e sem respeito,
anda fazendo com sermões — reclame.

Tem ellas seus effeitos sempiternos.
E diz elle que usando-as ao pescoço,
e resando-se por dia um padre nosso,
livram todas as almas dos infernos.

E disse, ou continua pela mesma. Eu comprehendo por que desastre o sr. Fogaça embuti, no seu livro de versos, este pedaço de prosa mal trabalhada: relendo quanto escrevera, para entregar aos typographos, veio a reparar em que a maior parte d'essas composições era de tal modo aerea, pairava tanto acima das nuvens, que a pupilla de um observador cá da terra mal podia apprehender lhe o sentido. Viu que era preciso trabalhar, de crever umas coisas que todos võem, ser comezinho, desenlear-se do setimo ceu, a que o tinham levantado, a sua imaginação — e talvez que a tolerancia do publico pelas primeiras quadras, publicadas em jornaes academicos e folhas da provincia

Mas ha descida, por falta de habito, errou o salto. Indo cair no peor do romanticismo decadente, pretencioso, mascarado de phrases novas, encontrando-se de repente, sem conhecer o frade nem o estudar, a fazer-lhe uma arruaça gratuita, de folha *anti-jesuitica*, ou de caixeiro lisboeta, aos padres e Dorotheas que passam distrahidamente, desdenhosos da ignorancia publica.

E, livro fóra, na mesma segunda parte, encontram-se mais frades, massicos como os de pedra, que impedem o transito dos carros. Per exemplo: — *O Novo visconde*.

Neste, porém, se o auctor supprimissem o episodio do pae humilde que busca o palacio do filho, e queimasse na brazeira, em vez de o mostrar aos leitores, o creado soberbo, lhe prega tão injustamente

seis murros a valer,

(coisa inverosimil e corriqueira,) — conservando a nota final, e reduzindo as outras á terça parte, conseguiria ter extrahido d'esse chuvisco imoportuno de versos frouxos, dignos do sr. Candido Figueiredo, uma satyra, uma verdadeira satyra, rija, saltitante.

Foi a mesma preoccupação de naturalismo mal entendido que o obrigou a essas minucias velhas e contrafeitas, como historias da carechinha.

O que vale é que os frades, mesmo nos *Versos da Mocidade*, já não abundam: vê-se um ou outro...

Uma idea geral do livro.

Consta de tentativas. O sr. Antonio Fogaça, como todos os novatos em arte, não tem um principio, uma noção, um sentimento, que o arraste conscientemente, presidindo á concepção de todas as suas obras. Impressionavel e pouco attento, a sua imaginação é vibrada desordenadamente por coisas diversissimas: por principios de philosophia lidos de fresco, pela sensualidade, pelo amor de uma noiva, por trechos de paizagem, pela cadencia dos versos que estão mais em voga. Só á influencia d'estes, posso attribuir a maior parte dos sonetos e alguma poesia mais, por exemplo a marcha funebre:

— Cavalleiro no trilho da Amargura,

cujos decasyllabos ôcos e retumbantes não deixam transparecer a sombra de um pensamento.

Escreveu tudo isto *ao Deus dará*. Depois, lembrando-se de publicar o volume, como não tivesse ideado um plano de producção, tentou ao menos classificar as poesias pelos pontos de analogia.

Bem: havia entre os papeis da sua pasta 40 madrigaes muito semelhantes, na construcção das estrophes e na frescura limpida, quasi virgem, do pensamento — desejos evolados de uma solidão de estudante, para o seio da mulher adorada — era fazer d'ellas uma parte do livro, e chamar-lhes *Orações do Amor*.

Mas, o restó da papelada?

Não havia alli uma nota commum, que permittisse continuar a classificação. E, que diabol!, precisava-se de publicar tudo... Fosse bom, fosse mau; eram as petalas de um entusiasmo primeiro, que murcha cedo e não reverdece.

Talvez que, se tivesse demorado por mais um anno a publicação do seu livro, não tivesse exposto ao publico tudo isso que constitue a segunda parte. O *Fumo*, o *Spleen*, a *Tella rustica*, e poucas mais composições onde ha originalidade e talento, devia guardal-as para mais tarde, quando fosse maior o seu cabedal; o mais, tel-o reservado para, passada a juventude, ler bem sosinho, espriando nessas paginas desiguaes, um sorriso benevolo; de sceptico a cujas illusões tenha sobrevivido o coração, um feixe de luz triste, serena, do sol moribundo.

Preferiu que saisse tudo: reuniu todos esses versos num titulo que podesse abrangel-os, embora não lhes precisasse uma caracteristica, não significasse coisa nenhuma: *Maguas e risos*, por exemplo...

Bem claro, que na *Magua e risos* podia ter incluído as *Orações do Amor*!

Depois, como esta ultima parte ficava desproporcionada, e continha 62 sonetos (64 paginas de impressão) subdividiu a *Magua e risos* em sonetos e não sonetos.

ôca

Continuo na hypothese provavel, atraz estabelecida, do que o sr. Fogaça faria, se tivesse conservado em seu poder todas essas

composições, até acalmar a febre que as produziu e que as fez apparecer a publico. Decerto que somente publicava as *Orações do Amor*.

São quasi todas bem feitas. Por exemplo

a x:

Ó rainha, ao fallares,
Se o teu labio sorri,
da multidão os timidos olhares
convergem para ti.

E assim mesmo o sorriso, que ao passar,
nos bate em cheio em nossos corações,
dá-nos tristeza, assim como o luar
que illumina as prisões

e a xix:

Naquelle tarde em que choravas tanto
foi que senti com a paixão maguado
desdobrar-se este amor, meu anjo amado,
para enxugar teu pranto...

E assim foi, que essa imagem, doce mixto
de tudo quanto aneia,
se gravou neste amor, como a do Christo
na piedosa toalha da Judeia.

Tem algumas que peccam por banaes, ou pelo defeito que notamos com relação á *Duvida* — não fazerem sentido. Ao meio da xiv:

Ó Santissima e Doce, Astro dos astros!
as minhas illusões cantam em bando,
sobre a nuvem da esp'rança, a Supplicar,
sempre sonhando,
sempre de rastros,
sempre a ajoelhar!

Ignoro se por conhecer de mais o sr. Antonio Fogaça, se de menos o bando das taes illusões, supponho que estas hão de participar da physionomia e vestuario do poeta que as concebeu: cabellos desgrenhados, nariz um tanto curvo, gorro ao lado e capa demasiadamente curta, ondulando ao vento. E rio-me de vel-as assim, encarrapitadas em cima de uma nuvem que eu imagino, — a tal da *esp'rança*, a dobrarem-se e desdobrarem-se em umas extravagancias de ritual chinez.

E mais, d'esta vez, termina com sentimento e arte:

Ó Sublime e Formosa e Estremecida
quer seja o teu amor vida illusoria,
quer seja emfim o meu tormento eterno,
dá-me essa vida,
dá-me essa gloria,
dá-me esse inferno.

E neste final, como na maior parte das *Orações*, o auctor mostra-se verdadeiramente poeta, analysta do sentimento proprio, ferindo no mesmo tom esses madrigaes, — a unica persistente, de quantas impressões vibram no decorrer do livro. Ao lel-os, como que sentimos constantemente um murmurio de salve-rainha, ondulando meigo em um ambiente de capella, perfumado e acre, — de rosas e de incenso.

Decerto que devia ter publicado, á parte, as *Orações do Amor*. Devia tel-o feito em volume catita, como esses dos *Versos da Mocidade*, conservando na capa o mesmo retrato de mulher fina, a scismar sobre o livro que lhe descança nos joelhos. Talvez que seja o seu livro, — do sr. Antonio Fogaça.

Aquella rapariga, meia deitada na *chaise-longue*, entre objectos commodos do seu uso domestico, estuda porventura com a indifferença de um erudito, entre velhos pergaminhos, a maneira por que alguns homens idealisam a sua materialidade e lhe fazem na imaginação um altar. Alli, depois de ter almoçado, na sua *toilette* da manhã, estranha sem preocupações, ou, quem sabe? jubilosa, nostálgica, enfasiada talvez, que haja almas fóra da a ma burguezia que tem absorvido a sua desde pequenita. Sim: que de tantos homens, um ou outro tenha co-ração, seja artista.

Fevereiro—88.

CAMILLO PESSANHA.

Contraste

Sobre a encosta da murmura collina,
onde eu fui tanta vez allucinado,
a minha vista agora descortina
o vasto mar azul convulsionado,
como um doido corcel erguendo a crina,
eterno Prometheu agrilhoado!

Espumando raivoso contra as fragas,
dominado na lucta violenta,
encrespa o dorso enfurecendo as vagas
e na aresta das pedras arrebeita.

Quanta no seio lhe palpita!
Que força extraordinaria esse leão
não gasta heroicamente quando agita,
desde a juba alterosa ao coração,
todo o immenso organismo que se agita
á mais rapida e leve commoção!

Entretanto o luar amortecido,
num suave clarão tremente e vago
vem poisar-lhe no dorso encanecido
um beijo somnolento, um doce affago,
e adormece o leão enfurecido
e o amor transforma em bonança so lago

Depois tranquillo humilde e apaixonado
soluça ternamente umas canções,
como um rajah vencido e namorado
sob o jugo fatal das tentações!

E da encosta da murmura collina
onde eu fui tanta vez allucinado
pela magua cruel que me domina,
eu vejo agora o mar acorreato
pelos raios da lua que o domina,
como um paria qualquer, como um forçado!

Coimbra, 22 — 12 — 87.

PINTO DA ROCHA.

Historia Patria

O historiador, sem inventar
nem recorrer a hypotheses, deve
resuscitar o espectáculo das coi-
sas passadas, apreciar os indi-
viduos, reproduzir os aconteci-
mentos e julgar os factos.

MACAULAY.

El-Rei D. Manuel, é o titulo da ultima obra
do sr. Manuel Bernardes Branco.

É um livro francamente patriótico pelo
assumpto de que trata, e curioso pela erudição
de que está repleto.

Trabalhos d'esta ordem demandam um es-
tudo aturado, que não attrahe as forças actuaes,
decadentes e pervertidas.

Hoje só se lida na pseudo-politica que *enche*
e *afidalga* a burguezia, desmoralisa e enfra-
quenta a plebe, condemnada indevidamente a
ser automato pela ignorancia que a envolve,
mas que lhe impozeram.

Actualmente são raros os que relembram
o nosso passado de honra e de gloria, e rarissi-
mos os que esclarecem, com investigações, al-
guns feitos notaveis da historia nacional.

Pois o sr. Bernardes Branco é d'este pe-
queno mas respeitavel numero — que segundo
o semi-pessimismo do sr. Oliveira Martins, não
tem ainda assim a *força bastante para arcar*
com a dureza ou com a difficuldade dos traba-
lhos historicos ¹.

É louvavel e proveitoso que haja a'guem
a avivar, na geração presente, a descórada remi-
niscencia dos tempos de labor e de honra, que
tão distante levaram a fama de nossos ascen-
dentes. É mister não afrouxar nos incitamen-
tos de toda a ordem, ainda quando se resvale
num plano inclinado de decadencia, visto ser
inadiavel a hora da transformação, quer para
os individuos ou para as sociedades. Morra-se
embora, já que a morte é uma lei e não um
castigo — como previa Seneca — mas luctando
até a ultima, mesmo que esse esforço tenha as
intermittencias da agonia, como o bruxolear da
luz que se apaga á mingua de combustível.
Porque então não é a gloria d'um passado que
offusca, mas a grandeza d'uma epocha que es-
timula.

O sr. Branco apresenta no seu livro, com
singlez mas fidelidade, um variado e interes-
sante quadro das nossas navegações e conquis-
tas, reconhecidas hoje como serviço relevante
prestado á Humanidade e á Sciencia, e não so-
mente á nação portugueza ². E demonstra com
apreciações e louvores seguros de sabios e escri-
ptores estrangeiros, que temos um passado dos
mais notaveis e honrosos, na historia da civili-
sação occidental, que nos obriga a seguir com
mais afincio e actividade o progresso hodierno.

Não admira que taes feitos inspirassem ao
immortal Camões os celebrados cantos da sua
epopea: o que surprehende, é arrancar a extra-
nhos, geralmente soberbos e egoistas, palavras
de entusiasmo e de elogio.

Assim, lembra o auctor os versos de Esme-
nard, no canto v do seu poema *La Navigation*:

«Rien ne peut arrêter dans leurs projets nouveaux.
«Ces Portugais ardens qui volent sur les eaux.
«Oh! Combien de héros guidèrent leur audace!
«Que de faits immortels ont signalé leur trace!»

Transcreve algumas palavras de justiça
dirigidas pelo sabio Milne Edwards, no seu livro
— *Investigações geographicas dos Portuguezes*

¹ Sr. Oliveira Martins: *Historia de Portugal*, 4.^o
ed., t. II. *Notas sobre a Historiographia de Portugal*.

² Ussieux: *Histoire abrégée de la Découvert et de la*
Conquête des Indes par les Portugais. Bouillon, 1770.

— onde o illustre escriptor prova tambem, que só a Magalhães, cabe a honra de ter completado a demonstração da esphericidade da Terra; faz saber que ainda hoje serve de leitura, nas escolas de França, uma obra de Leopoldo Méy, intitulada — *Emmanuel ou la Domination Portugaise au XVI^e siècle*; mostra como uma das mais singulares e notaveis glorias dos portuguezes é a conservação do nosso idioma nas regiões orientaes, mais ou menos degenerado, como não podia deixar de ser, mas que a despeito da evolução e dos estremecimentos politicos d'aquellas longes terras, se tem conservado pelo amplo periodo de quatro seculos¹; emfim, procura, com a sua erudição pouco vulgar, dar todo o lustre ao estadio mais valioso da historia de Portugal.

Notamos, todavia, um defeito saliente no sr. Manuel Bernardes Branco.

Apesar das citações deveras attrahentes e uteis em que se desfaz para conseguir o seu fim, não se vê abundantemente, naquelle escripto, o relevo indispensavel da deducção. Falta-lhe a força ordenadora da synthese, que distingue e completa o historiador.

Não basta a descripção e analyse dos factos ou phenomenos de qualquer especie: é mister tambem conhecê-los as leis, aggrupando-os e achando-lhes as relações, porque, d'esta operação mais intellectual e difficilissima, vem um conhecimento real e positivo.

Não é licito asseverar que seja a Historia um mero *repositorio* de factos, proprio a investigar as leis sociaes; porque, ainda assim, urgia collocar os não só pela ordem de successão como tambem pela de affinidade e dependencia; era necessario que, nessa *tabella*, se extremassem os movimentos artificiaes imprimidos ás varias gerações, das tendencias naturaes que devem reger as sociedades; exigia, finalmente, que essa *moldura* do grandioso quadro da statica social não satisfizesse unicamente ás regras da elegancia descriptiva ou ao arbitrio da razão pura, mas sim á esquadria dos preceitos scientificos.

De contrario, não pôde o historiador atingir o seu fim, nem a sciencia historica a sua função.

A admittir a Historia como antiquada chronica, como simples descripção da existencia dos povos, é recahir no abandonado prejuizo d'aiguns historiadores, entre outros John

¹ Alfred Russell Wallace (*L'Archipel Malaisien*, 1870) diz que o portuguez que se falla em Malaca é, realmente, um phenomeno philologico singular. Os verbos, pela maior parte, perderam suas inflexões; e a mesma forma serve para todos os modos, tempos, numeros e pessoas. *Eu vou*, serve tanto para exprimir *eu vou*, *eu fui*, como *eu iri*. . . etc.

Segundo se assevera no *Dictionarium Malaico-Latinum*, dirigido por David Haex—1631, o numero de palavras portuguezas, tomadas pelos malaios, é em numero de 143: *larba, rede, coitado, torto, rua, fidalgo, levantar*, etc.

Não pára aqui a importancia que teve a lingua portugueza, pois que chegou a ser usada por muitos escriptores estrangeiros, na composição de suas obras.

Por aqui se vê a influencia inexcedivel que tivemos no Oriente, e mesmo em todo o mundo.

Lingard¹ — partidario acerrimo do genero narrativo, que tanto mal causou aos trabalhos da sua epocha².

Entendemos, ao contrario d'este erudito, que o historiador tem direito de induzir, de afirmar.

E demais em que redundava a tal *imparcialidade* do genero descriptivo? Em *difficultar* ao leitor a comprehensão dos factos encinados e obscuros, em ser mais apparente que real.

A verdadeira missão, pois, do historiador está no caminho traçado pelo inclito Macaulay³, sob cuja penna tudo resurgia: as gerações olvidadas, o seu desenvolvimento intellectual, os seus usos e costumes, os grupos derivados das revoluções politicas, as seitas originadas das reformas religiosas, os intentos fixados pelos interesses, tudo emfim se desvendava ferido pela claridade da sua observação, pelo rigor das suas inducções.

A Historia, assim concebida, e feita tem a vantagem — como diz Taine — de ser universal e não particular; historiar dest'arte, acrescenta o notavel critico, é egualar a diversidade da vida, é fallar ao sentimento, á intelligencia, a todas as faculdades humanas, é favorecer a civilização do seu paiz. . . .

Dizia Lamartine que a Historia não é o espelho que reflecte, mas juizo que sentencia — e nós diremos que a Historia é o edificio do passado, e o material indispensavel para a construcção do presente.

A Historia, sr. Branco, modernamente considerada, é como bem comprehendeu Th. Braga — «um verdadeiro campo de observação sociologica inductiva, para d'ella deduzir a lei de continuidade ou de concurso simultaneo.» Não julgue, comtudo, o estimado escriptor, que para bem induzir na Historia só basta *descrever factos*, po: que se engana. Para uma inducção historica ser completa é indispensavel investigar a successão ininterrupta das coisas sociaes, é mister encontrar *os consequentes* e os seus *antecedentes*. E como esta concepção da lei da *continuidade* e este ponto de *vista de conjuncto* não couberam em suas forças, por isso o aconselhamos a mudar de rumo, a modernisar-se, analysando com attenção o soberbo golpe de vista de Comte sobre este assumpto.

De tamanha copia de documentos e provas podia o sr. Bernardes tirar mais illações que dessem mais valor ao livro que escreveu, e maior alcance ao objecto de que se occupou. E digamos de passagem, que este defeito é mais sensivel nos trabalhos anteriores do auctor.

É porventura falta de boa orientação — o que é vulgar — ou percaço inherente á arte bibliographica — o que não admira, visto ser o sr. Bernardes Branco um bibliographo distincto.

¹ *Histoire d'Angleterre* (1819—1825).

² O methodo de John Lingard popularizou-se infelizmente, e foi emitado em França, entre outros, por M. de Barante na sua obra — *Histoire des ducs de Bourgogne*.

³ *Histoire d'Angleterre depuis de Jacques II*—(1848—1855).

Dia Aziago

O morgado saíra pela manhã: era domingo, tinha umas voltas a dar, e na vespera sentira as perdizes.

Não ia alegre. A Joaquinita pregara-lhe a ultima desfeita: quando a pretexto de dar agua ao cavallo, a fôra encontrar á fonte, dias antes, o bandalho riu-se ás claras para o namorado, como a desdenhar do recém-vindo que a perseguia debalde.

Demais a culpa fôra sua: da outra vez, quando a rapariga andou lá por casa, quando a tinha segura, não se importou! Que tambem pouco tinha perdido: ha muita mulher e muita mulher boa; e o beijo, as mais compostinhas da freguezia, pertencia-lhe tudo... Muito rude, muito carquejeira.

E lançava estas pázadas de terra grossa para cima do seu despeito. No fundo doia-se muito: costumado a entregarem-se-lhe quantas cubiçava, porque era bonito, porque lhes valia em muitos apertos e porque desde *seculos* que o melhor das moças era do fidalgo, sentia um prazer muito acre na resistencia opposta por essa mulher, que valia pouco, mas que soubera aproveitar-se da sua força, e conseguira vencer-o.

Como a conquista se tornara difficil, fizera d'ella uma gloria. Por isso é que a ultima desillusão o tinha maguado tanto; fôra um golpe directo no seu amor proprio.

— Deixal-o: ao menos ficava descansado... O mal foi desprezar a Emilia, coitadita! Mas havia de a tornar ás boas: est'iva costumado a essas alternativas, e ella que se costumasse.

Chegou ao meio do povo.

A Joaquina morava alli mesmo: por um costume velho, adquirido desde que a namorava, encontrou-se á porta da venda que ficava defronte.

Era um homem são: ás feições duras, mas intelligentes, accrescentava alguma coisa de selvagem o seu vestuario de caçador, o preto retinto das barbas asperas. E não obstante a mediania da sua estatura, sentia-se uma impressão de respeito ao admirar-se-lhe o thorax perfeitamente abahulado, a perna de jarretes flexiveis, muito elasticos, a segurança com que ao andar poisava no chão os sapatos grossos.

Tinha muita força, que manifestava em tudo, em todas as linhas, em todos os movimentos, inclusivamente na maneira, pretenciosa talvez, de encolher os hombros, com as mãos enterradas fundo nos bolsos das calças.

A rapariga não veio á porta e, não sei porque, isto incommodou o morgado.

Ao fim de segundos, para disfarçar, tratou de ver quem estaria na venda. A gente do costume. Em frente da celha, poisada no mostrador, o vendeiro olhava de braços cruzados quem passava na rua, e dois homens de suizas pretas e peitos cabeludos a destacarem nas camisas de estopa, discutiam o valor das suas fazendas:

— Olhe que p'arriba de vinte almudes.

— Pois na minha tenho gasto, eu sei lá: um cento de mel réis. É só gastar, sô Francisco. E vae o Lopes, e não se envergonhava de me dar quinze moedas!... Olhe que só quinze moedas!

No fim perfilava-se:

— Que diz a isto?

Ao canto, como sempre, o Codea, o velho mandrião, á espera dos que lhe davam pinga. A mulher, hoje fallecida, fôra amiga do seu prior, e a filha nascida, talvez, d'essas relações que o infame tinha tolerado, vendera-a mezes antes ao mesmo fidalgo. Vendeu-a barato — por uns quartilhos: foi nessas noites em que deixou entreter-se, em que deixou emborrachar-se para que a pequena ficasse livre.

Salvara as apparencias — o cynico, de modo a contiuar, apresentando-se diante do seu cumplice como ignorando ainda o crime que praticara. Dos dois, era o morgado quem sempre corava. Porém, o que o irritava mais, era ver de pé, ao meio da loja, o Antunes, o noivo da rapariga que o tinha vexado; e o odio que tinha por elle, injusto a ponto de o não confessar a si mesmo, torceu-o d'esta vez contra o Codea: sentia desejos de estrangular esse velho, que alli do canto lançava cubiçosamente aos copos que via encher, os olhos mortos d'um amarelo sem brilho.

O Antunes descobriu-se ao ver o fidalgo, e este sentiu-se desconcertar. Tratou de fingir:

— Olé, seu Joaquim! Vá, uma pinga. Pois então? Sempre gostei da rapaziada amiga.

— Muito obrigado a Vossa Senhoria — respondia o outro timidamente, d'olhos baixos. Não era feio: vestia-lhe bem o seu fato de panno preto dos dias solemnes, o collete onde sobresahia a cadeia de prata com grandes berloques, o chapéu fino, usado sobre a nuca, provocadoramente, a modo de tocador de viola. Apenas aquella modestia simples, quasi triste, contrastava dolorosamente com o seu vestuario luxuoso entre os camponios, e com a sua copolencia um tanto curva pelos trabalhos da lavoir.

Mas o Codea tinha sêde, e lembrava-se de que se o Antunes não acceitasse, talvez que o morgado não dêsse vinho a ninguem: piscou o olho insoffridamente, e o Joaquim acceitou por condescender.

Foi uma pandega: beberam todos, e a todos o fidalgo repetia o mesmo discurso.

— Ora vá! Pois então?... Sempre gostei da rapaziada amiga.

Depois, quando fôra do povo, passava na azinhaga humida entre silvados, onde esvoaçavam meiros e brilhavam as amoras pretas, muito maduras, mordida-se de raiva: — Tinha sido a ultima asneira. Depois da rapariga o ter humilhado, deixar-se ficar alli como um cão!... E lembrava-lhe o Codea, o infame que ao ver

esgotarem-se como recurso a desvergonha da mulher e a fraqueza da filha, aproveitava hoje a fraqueza do proprio morgado, a sua fraqueza tão dolrosa de homem forte, para satisfazer um vicio.

Via-o sempre ao canto da loja, a segredar ao Antunes, na rapida contracção das palpebras molles:

— Vá, seu Joaquim. Tenha coragem! Saiba explorar esse pulha.

E ter-se ficado, o valente!

Novembro de 87.

CAMILLO PESSANHA.

Monge de Pedra

(PENSAMENTO DE ANTHERO DE QUENTAL.)

Uma vez, a sonhar, encontrei-me perdido
No dédalo infernal d'uma enorme cidade.
Caminhei... caminhei, repleto d'anciedade.
Não sei por que poder sobrehumano impellido.

Muita vez perguntei que cidade era aquella,
Mas seu nome jámais pude bem entender.
Era uma babilonia extranhamente bella,
Onde em estos sensuaes fluctuava o prazer.

Junto de mim passava a multidão ruidosa.
E entre fulgurações, palacios, monumentos,
Doidejava a minh'alma, alegre e cubiçosa,
E vinham-na embalar febris arroubamentos.

Caminhei... caminhei... quando — visão fatal! —
D'uma esquina ao voltar, deparei de repente
Com a estatua d'um monge, erguido tristemente
A porta d'uma enorme e altiva cathedral.

Era um monge de pedra a ler num livro, e tendo
Nem impresso na face o livido amargor
Que lhe estava causando esse livro tremendo.
O livro tinha escripta uma palavra — Dor.

Angustiosa attracção que me prendia ao monge!
Torturava-me aquella estatua glacial;
Fugia d'ella, e quando eu me julgava longe
Não tardava a encontrar-me em frente á cathedral.

Que vezes encontrei esse monge soturno?
Tantas o aperebi, que nem sei bem dizer!
Tornei-me cada vez mais triste e taciturno
Sentindo-me por fim ir a desfallecer.

E depois sonhei ver a cidade famosa
Em ruinas tornada, onde o matto crescia;
Os marmores no chão, partidos; silenciosa
A babilonia aonde o prazer estrugia.

A propria cathedral tambem tinha cahido.
Da cidade brilhante onde estava o fulgor?!
Só o monge de pedra ainda estava erguido
E continuava a ler o seu livro de dor.

BERNARDO LUCAS.

Estado da Sciencia Economica

No seu sentido mais abstracto, chamaremos a Economia Politica o conhecimento do modo como as funcções de relação, por seu turno, reagem sobre o meio cosmico, apropriando-se das suas energias.

J. H. BRAGA — *Systema de Sociologia.*

Quando, com esta justeza e profundidade de vista que caracterizam e salientam as lucubrações do seculo xviii, Quesnay, Turgot, Gour-

nay, Letrosne, Duport de Nemours, toda a escola physiocrata enfim, lançava o alicerce á economia politica, a questão não se cifrava, como era de presumir, em engenhar uma definição d'este novo ramo da Sciencia; não se podia, então, sonhar com o molde da forma didactica para as observações dispersas e variadas, feitas conforme o temperamento proprio de cada investigador, e ainda não reunidas numa synthese commum, pelos principios estabelecidos e estudados posteriormente. Nos primeiros ensaios ou estudos d'um novo conhecimento, assim deve acontecer, qualquer que seja a indole dos que o prescretem. Os trabalhos da escola physiocrata foram, em grande parte, obras primas pela sua persuasoria e notavel simplicidade. Comtudo, se esta escola não soube ou não pôde desempenhar-se do programma que apresentara e defendera, e que resume a doutrina physiocrata, podemos asseverar tambem, sem quebra da verdade, que bem diferentes foram os trabalhos dos «economistas» que lhe succederam.

Adam Smith, que foi o primeiro d'est'outra escola, depois de se occupar de estudos puramente philosophicos, e chegando ao ponto de investigar os phenomenos sociaes, procurou coordenar e definir o que affirmava tão convicta e despretenciosamente. Conseguiu-o com tanto exito e felicidade, que foi, com justo titulo, chamado *pae da economia politica*. A obra que resurtiu das suas lucubrações, publicada em 1776, sob o titulo — *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations* — teve o fóro de catholicismo do assumpto, e ainda volvido um seculo segura toda a sua importancia, e continua digna de ser consultada com aproveitamento. Passado este momento, a economia politica era viavel; havia, portanto, necessidade de fixal-a, de desenvolvel-a.

Aqui não era facil a obra, attendendo á magnitude do fim; além de que, as conclusões, que attingiram os maiores espiritos que a teem investigado, variam consideravelmente.

Hoje mesmo, se é que está precisamente determinado o campo da sciencia economica, se é que a ordem de phenomenos que ella deve estudar principia a ser abalisada com rigorosidade, carece-se transpor a cava bem funda das divergencias, urge fazer um esforço avultado e despender muito tempo para conseguir o completamento d'esta importantissima secção dos conhecimentos humanos. A coexistencia, em nossos tempos, das escolas, *optimista, pessimista, socialista, orthodoxa, historica*, etc., prova de sobrejo o desacordo de opiniões. De semelhantes dissentimentos, porém, não nos parece que parta todo o atrazo e imperfeição da sciencia de Bastiat e Mill; porque todas ou quasi todas as sciencias constituidas luctaram, e ainda nutrem nos seus dominios, não menos difficuldades d'esta ordem: taes são as sciencias naturaes, etc. Estas, por exemplo, estão divididas por duas doutrinas fundamentaes absolutamente oppostas: esta do *transformismo*, e aquella da *fixidade das especies*, sem fallar

das doutrinas *monogenista, polygenista e creacionista*; a philosophia, por seu turno, divide-se em infindas ramificações com todas as variações intermedias, desde o *materialismo* de Buchner até ao deísmo de Leibniz, desde a *metaphysica* de Kant ao positivismo de Comte.

Na epocha actual, pode-se explicar, logicamente, o motivo porque a economia politica se constitue mais tarde na ordem dos conhecimentos, e a razão porque não tem podido até hoje conciliar um corpo de doutrina indiscutivel e de grande latitude. É porque o espirito humano, investigando em principio um certo numero de phenomenos, não os pôde comprehender senão na sua maxima simplicidade, não se pôde elevar senão aos mais facéis e elementares, cuja percepção e cuja analyse se tornam mais accessiveis, enquanto que, só mais tarde, se pôde guindar á intelligencia dos phenomenos complexos. Ora, os phenomenos sociaes são precisamente a resultante do maior numero de influencias diversas. É certo, comtudo, que, desde os tempos mais remotos, se tem podido verificar a existencia de tal ordem de factos, visto que tem cahido fatalmente sob os sentidos, mas não era possivel analysal-os, nem precisal-os por falta de elementos.

(Continúa)

JULIO DE FARIA

Variedades

Camillo Castello Branco — Foi no dia 16 do corrente o anniversario natalicio do celebrado escriptor.

Felicitamol-o com a espontaneidade de admirador convicto.

É mais um anno que corre sobre aquelle immortal, que é o exemplo mais eloquente de quanto pôde o trabalho, quando guiado por um talento peregrino.

De todos os modernos escriptores é Camillo, por sem duvida, o que tem prestado mais serviços á lingua patria, enriquecendo-lhe o vocabulario.

É o litterato mais *portuguez* que possuímos e de que nos devemos orgulhar.

Camillo Castello Branco, que no nacional attrahe a geral admiracão, lá fóra, seria guindado a maior piana, ficaria ao lado dos vultos mais conspicuos, dos cinzeladores mais perfectos das letras estrangeiras.

Para homens de tamanha habilidade, não devia haver o tropeço da diversidade das linguas e da superioridade d'umas sobre outras — porque então teria mais justiça á aquilatar-lhe o merecimento.

É raro apparecer um individuo com tantas aptidões como possui *Camillo*.

Admira se nelle, o prosador que traduz a idea em locuções nítidas e de bilho offuscante; o *artista* que conserva a independencia e belleza da lingua, oppondo diques — com a fecundez do seu talento — á importação dos estrangeirismos, feita cada dia pelos litteratos pobres

e *copistas*; e o polemista terrivel de ridiculo, engatilhado sempre contra o adversario.

A sua prosa é abundante de pensamento, ainda que este se não manifeste sempre, guiado pelas prescripções da Sciencia: o seu purismo não toca as raias da intransigencia conservadora, a ponto de não nacionalisar o progresso dos idiomas mais cultos.

Junte-se a tudo isto uma boa erudição, e teremos a personalidade saliente do fertil romancista.

Não fazemos uma critica, mas só consignamos o nosso respeito.

Carta do Deputado dr. Eduardo Abreu á Commissão delegada da Academia de Coimbra — *III.ª e Ex.ª* Srs. — Recebi o honroso officio de V. Ex.ª, a cujas expressões de nobilissima deferencia eu fui muito sensivel, confessando-me por isso immensamente pehorado. Aos meus illustres Collegas que renovaram a iniciativa do projecto de lei contra o fóro academico, apresentei as saudações de V. Ex.ª e o apoio que offereciam para o triumpho d'aquella boa causa. Ficaram igualmente reconhecidos perante a valiosa mensagem de V. Ex.ª, e encarregani-me de significar a V. Ex.ª e a toda a mocidade academica o quanto me firmo no firme proposito de removerem quaesquer obstaculos afim de q. e o projecto de 1883, obtenha quanto antes, como é de toda a justiça, a sancção parlamentar. Do resultado dos nossos trabalhos, em terci a honra de avisar opportunamente a V. Ex.ª.

Deus Guarde a V. Ex.ª

Lisboa, 17 de janeiro

Eduardo Abreu.

Publicações — Agradecemos os jornaes e mais publicações que nos tem sido enviados.

Com os primeiros faremos a troca que tinhamos solicitado; para as segundas teremos apreciações, sempre que nos fór possivel.

Expediente

Motivos fortes impediram a publicação d'este jornal, que de hoje em diante sairá com regularidade.

Os assignantes só pagarão, no fim de cada mez, a importancia relativa aos numeros publicados.

Preço da assignatura

Cada mez 150 réis
Numero avulso..... 40 "

Pede-se a todos os collegas, a quem mandamos a *Critica* o obsequio da troca.

Todas as pessoas a quem enviamos o jornal são consideradas assignantes, desde que o não tenham devolvido até á publicação do segundo numero.

Recebem-se assignaturas no estabelecimento Paula & Costa á rua Larga, e na typographia Operaria, rua do Corpo de Deus.

Redacção e administração, sitio da Cumeada Coimbra.

